
Imagens zoológicas da América Latina

Maria Esther Maciel

Para Ricardo Maciel dos Anjos

Resumo

*O presente trabalho aborda os relatos fantásticos sobre a fauna do Brasil e da América Latina surgidos no período dos descobrimentos, compilados nos livros *Zoologia Fantástica do Brasil e Monstros e Monstrenhos do Brasil*, de Afonso d'Escragnolle Taunay, articulando-os com alguns bestiários de escritores e artistas latino-americanos do final do século XX, como o mexicano Francisco de Toledo e o brasileiro Wilson Bueno. Pretende-se, com tal articulação, discutir o caráter híbrido, inclassificável e "monstruoso" da chamada identidade latino-americana, bem como avaliar as implicações culturais da zoologia fantástica na construção de um conceito ficcional de América Latina.*

Palavras-chave: bestiário; identidade cultural; América Latina.

Bichos mui feros e venenosos, porcos que andavam em terra e n'água; Antas que são da feição de mulas mas não tão grandes. Pacas e cutias tatus, quase tamanhos como leitões, com um casco como de cágado, tigres que na terra se nomeiam por onças; cerigões que são pardos e quase tamanhos como raposas, os quais têm uma abertura na barriga ao comprido de maneira que de cada banda lhes ficam um bolso onde ficam os filhos metidos; preguiças, que têm um rosto feio; umas unhas muito compridas quase como dedos. Tamanduás de muitas castas, cobras mui grandes que engolem um veado, outras venenosas, que têm no rabo uma cascavel e andam sempre rugindo etc. (Pedro de Magalhães Gandavo, via Afonso d'Escragnolle Taunay)

Da leitura de um livro como o *Zoologia Fantástica do Brasil*, de 1934, no qual o autor, Afonso de Escragnolle Taunay (1999), faz um inventário de relatos fantásticos dos cronistas europeus sobre a fauna do chamado Mundo Novo, pode-se depreender que as imagens monstrosas que abundam em tais relatos não estavam contaminadas apenas pelas reminiscências dos textos fantásticos dos antigos autores dos bestiários medievais, mas advinham também de uma insuficiência epistemológica. Não havia ainda, no século XVI, um sistema taxonômico que pudesse oferecer os subsídios científicos necessários para que a *alteridade* radical dos animais latino-americanos pudesse ser nomeada, descrita e categorizada racionalmente, fora do fascínio pelo maravilhoso que ainda atravessava as interpretações e as leituras que os europeus faziam do mundo.

Os conhecimentos da época, como bem mostrou Foucault (1987) em *As palavras e as coisas*, eram constituídos de um amálgama instável entre "saber racional, noções derivadas de práticas de magia e de toda uma herança cultural, cujos poderes de autoridade a redescoberta de textos antigos havia multiplicado" (FOUCAULT, 1987, p. 48). Daí a precariedade do pensamento científico do tempo: se, por um lado, nele já se configurava a soberana racionalidade na qual o mundo moderno ocidental passou a se reconhecer, por outro, tal racionalidade triunfante não abdicava do gosto pelo extraordinário e do respeito pelo saber antigo.

É neste sentido que as primeiras tentativas de esquadrinhamento enciclopédico do reino animal feitas por naturalistas da Renascença eram um compósito de descrições precisas, de classificações arbitrárias, citações, fábulas, relatos mitológicos, observações possíveis e impossíveis sobre a utilidade dos animais tanto para os experimentos da medicina quanto para as práticas de magia. Era um conhecimento zoológico que, ao mesmo tempo em que exercitava as regras de um sistema classificatório em formação, cedia espaço ao conteúdo fabuloso dos bestiários medievais e aos ensinamentos de precursores antigos da zoologia, como Aristóteles, em sua *História dos Animais*, e Plínio, o Velho, nos 37 livros enciclopédicos de sua *História Natural*.

Vale lembrar, nesse contexto, que mesmo Artistóteles – uma das referências mais importantes para o surgimento, a partir da segunda metade do séc XVII, de um conjunto sistematizado de leis de organização e classificação do mundo – admitia em seus tratados sobre os bichos as anormalidades fantásticas, as lendas, as “abusões multisseculares”, como mostrou o próprio Taunay (1999, p. 22) no primeiro capítulo de seu livro. Já no que se refere às descrições zoológicas de Plínio, cuja obra monumental teve como fim recensar e descrever “completamente” todas as coisas da natureza, os relatos ficcionais sobre animais existentes e inexistentes proliferam em meio a uma taxonomia muitas vezes absurda, que chega a lembrar a enciclopédia chinesa descrita por Borges (1974, p. 706-709) em “El idioma analítico de John Wilkins”. Italo Calvino, que inclui a *Historia Natural* entre os clássicos de sua predileção, trata da desenvoltura com que o autor romano consegue transitar da erudição à fantasia com o propósito de compilar conhecimentos, curiosidades e disparates zoológicos, a partir de uma ordenação em geral arbitrária, como esta classificação de peixes em categorias inteiramente insólitas: “peixes que têm uma pedrinha na cabeça; peixes que se escondem no inverno; peixes que sentem a influência dos astros; peixes extraordinários pagos por certos peixes” (CALVINO, 1990, p. 43). Um trabalho que oscila entre a necessidade de inventariar e classificar os fenômenos da natureza e o desejo de registrar o extraordinário, o prodigioso.

Assim, pode-se dizer que os cronistas europeus do século XVI encontravam subsídios fantásticos e princípios de organização para suas descrições da natureza tropical nos próprios clássicos da zoologia ocidental, acrescidos de toda uma carga supersticiosa que os textos medievais legaram para o imaginário renascentista. Daí que, ao desembarcarem no continente latino-americano, trouxessem, além do impulso aventureiro e da ambição de conquista, o medo e a expectativa fantasiosa de encontrar monstros apavorantes que pudessem servir de evidências concretas para as especulações medievais sobre as terras desconhecidas. Munidos desse referencial e já movidos por um interesse taxonômico próprio da *episteme* europeia da época, foi que cronistas como Pero Vaz de Caminha, Gandavo, Gabriel Soares, os jesuítas, os viajantes alemães como Ulrico Schmidel e Hans Staden, o espanhol Cabeza de Vaca, e o francês André Thevet, dentre muitos outros, dedicaram-se a descrições de papagaios, cobras, tatus, gambás, tucanos, iguanas, macacos etc, complementando-as com detalhes absurdos e nelas incluindo variantes fantásticas de tais animais.

Desses relatos teratológicos dos séculos XVI e XVII temos, como já foi dito, o registro exaustivo no *Zoologia Fantástica do Brasil*, de Taunay, que teve seu relançamento em 1999, juntamente com outro livro do autor, *Monstros e Monstrenços do Brasil*, de 1937, dedicado ao mesmo tema. Nessas duas obras de compilação, o historiador catarinense – que se disse inspirado pelo naturalista argentino Aníbal

Cardoso (apud TAUNAY, 1999, p. 17), autor de *La Ornitología Fantástica de los Conquistadores* – também investiga as interações que tais relatos tiveram tanto com a zoomitologia clássica e medieval quanto com as lendas indígenas latino-americanas. E não deixa de ser curioso que tais reedições aconteçam em um contexto no qual as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil coincidem com uma profusão de bestiários contemporâneos na literatura e nas artes latino-americanas. Basta dizer que, simultaneamente ao relançamento dos livros de Taunay, era publicado o *Jardim Zoológico*, do poeta e romancista curitibano Wilson Bueno (1999), que pode ser descrito como um catálogo ficcional de animais híbridos, fronteirços (porque muitas vezes marcados pelos cruzamentos transnacionais advindos do contato entre os países do continente sul-americano) e dotados de uma espécie de saber poético sobre a vida humana e sobre o próprio território que habitam. Do Ivitú, “um pequeno deus de quatro patas”, capaz de “mitigar, dos índios, a dor da saudade” (BUENO, 1999, p. 11), passando pelos dúbios “êulikes” e os oblíquos “nuncas”, até os “hesatís” que, em tudo semelhantes a um pequeno elefante, não possui, contudo, deste, a característica da tromba, mas uma pequena boca de lábios quase humanos” (BUENO, 1999, p. 93), os animais de Bueno dialogam tanto com os monstros do imaginário zoológico do século XVI quanto com os seres imaginários de Borges, além de guardar um inegável parentesco com os bichos fantásticos do artista mexicano contemporâneo Francisco de Toledo. Este, além de ilustrador consagrado do *Manual de Zoología Fantástica* de Borges, vem criando séries de bichos heteróclitos, como a de insetos de olhos enormes, grilos com “caras de niño”, escorpiões, pernilongos, centopéias, formigas, que têm suas partes justapostas no espaço da tela, formando uma rede intrincada de patas que adquirem o aspecto de uma constelação de insetos, onde todos se entrelaçam e se movimentam.

Essa interseção de bestiários do passado e do presente no espaço atual das letras e das artes latino-americanas leva-nos, inevitavelmente, a pensar em várias questões de ordem cultural: em que medida as figurações zoológicas do presente revêem criticamente as imagens construídas pelos primeiros colonizadores em torno da América Latina? Até que ponto, ao retomarem os procedimentos taxonômicos anteriores ao triunfo do racionalismo científico, esses artistas e escritores estariam proclamando, pelas vias oblíquas da ironia, a falência dos sistemas modernos de classificação e de conhecimento? Estariam tais zoólatras contemporâneos assinalando metaforicamente, na vertente aberta pelos bestiários borgeanos, o caráter híbrido, inclassificável e “monstruoso” da tão buscada identidade latino-americana?

Flora Sussekind, em um breve artigo publicado no *Jornal do Brasil* na ocasião do relançamento dos livros de Afonso de Taunay, fez algumas observações bastante pertinentes sobre o problema, ao aproximar e diferenciar os bestiários dos colonizadores europeus e os de autores brasileiros contemporâneos (SUSSEKIND, 1999, p. 4).

Mencionando o conto "Pequeno Monstro", de Caio Fernando Abreu, a novela *O minotauro*, de Valêncio Xavier, "O mandril", de Zulmira Ribeiro Tavares e o universo animal do *Decálogo da Classe Média*, de Sebastião Nunes, dentre outros, depois de catalogar alguns autores brasileiros dos séculos anteriores e do modernismo que também incursionaram nas "hibridações e zoologias fantásticas", Sussekind tece as seguintes as considerações:

É evidente que as figuras monstruosas engendradas pelos colonizadores e as aberrações, hibridizações e figuras protéicas atuais, se próximas, pela representação disforme da diferença, [...] de um deslocamento em processo, distinguem-se, enquanto "corpos culturais", por uma estreita ligação com os processos históricos e os momentos de formação e redefinição de identidades em que costumam ser produzidas (SUSSEKIND, 1999, p. 4).

De fato, se o que faz convergir as imagens zoológicas do passado e as do presente é a tentativa de se representar a diferença como disformidade e deslocamento, a atitude cultural diante de tal diferença é o que vai colocá-las em tensão. Sabe-se que, da perspectiva renascentista dos cronistas europeus, a diferença inscreve-se na ordem do assombro. Assentado, como Foucault bem mostrou, na lógica das similitudes em cadeia, das analogias e assinalações, o saber do tempo estava circunscrito à medida do Mesmo (FOUCAULT, 1987, p. 48). Daí que o outro, o estranho, se afigurasse como o monstruoso, como aquilo que deveria ser colocado no plano do exótico, do fantástico, ou ainda como aquilo que deveria ser subtraído de sua estranheza ameaçadora, domesticado pela força da mesmidade que, no caso específico do processo de colonização, era representada pela cultura canônica européia.

Já o olhar contemporâneo de artistas e escritores latino-americanos, que retoma as imagens zoológicas que se criaram em torno de nosso continente, vem esvaziar a diferença de seu caráter exótico, assumindo-a como traço constitutivo de uma identidade disforme, heteróclita, paradoxal. Já contaminado, como lembra Sussekind, pelo "Abaporu e pelo restante da fauna pau-brasil de Tarsila do Amaral" (SUSSEKIND, 1999, p. 4), pelo zoológico carnalizado de Macunaíma e, eu acrescentaria, pela taxonomia desconcertante dos bestiários de Jorge Luis Borges, esse olhar extrai da estranheza antes exótica dos monstros latino-americanos o elemento familiar, o reconhecimento do que foi recalcado pelo processo de domesticação colonial ao longo de todos esses séculos. Surge, assim, o delineamento de um outro modelo de razão latino-americana: uma razão híbrida, atravessada por uma ocidentalidade que se nega a si mesma. Uma razão selvagem que aponta, ao mesmo tempo, para uma lógica absurda que desestabiliza os modelos legitimados de racionalidade que a ocidentalização imposta nos obrigou a adotar como nossos e para o exercício inevitável desses mesmos modelos.

É considerando essa ocidentalidade paradoxal que Silviano Santiago, por exemplo, fala da América Latina como “o outro do Ocidente-dentro-do Ocidente”, quando analisa a leitura foucaultiana da “monstruosidade que Borges faz circular em sua enumeração” dos animais da enciclopédia chinesa (SANTIAGO, 1998, p. 32). Referindo-se, não sem ironia, ao riso estruturalista de Foucault diante das heterotopias borgeanas, Santiago chama a atenção para o fato de que tal riso teria sido despertado pela própria “realidade material latino-americana”, visto que “nossos autores sempre souberam integrar *num solo único*, ou seja, através da linguagem literária e artística, os dois ferozes inimigos inventados pelo etnocentrismo, o Mesmo e o Outro” (SANTIAGO, 1998, p. 35). E completa, valendo-se da lista de Borges: “leitões, sereias, cães em liberdade e animais pertencentes ao imperador ou desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, esses seres heteróclitos sempre conviveram familiarmente no mesmo espaço enciclopédico latino-americano” (SANTIAGO, 1998, p. 35). E é nesse sentido que, para ele, a China de Borges é aqui.

A enciclopédia chinesa inventada por Borges (e, até certo ponto, o *Manual de Zoologia Fantástica* e *O Livro dos seres imaginários*) suscita ainda outras questões de ordem taxonômica, que poderiam ser articuladas aos trabalhos de artistas contemporâneos. Ao se valer do código alfabético para a organização das categorias zoológicas da lista, que por sua vez encontra-se minada pela natureza absurda dos elementos constitutivos dessas categorias, o escritor argentino não apenas desestabiliza ironicamente a lógica taxonômica que fundamentou os sistemas de classificação e de ordenação do mundo, tal como estes foram instituídos e legitimados pelas esferas canônicas do saber ocidental, como também recria o modelo enciclopédico ainda desordenado dos séculos XVI e XVII, quando os princípios de organização, sobretudo no âmbito da História Natural, não tinham ainda adquirido o rigor e a fixidez que caracterizariam, mais tarde, as classificações científicas de Lineu e de demais naturalistas do século XVIII. Seu gesto ordenador, mas dissolvente, converte a unidade da experiência na enumeração de suas partes descontínuas. Abre caminho, portanto, a toda uma linhagem de autores enciclopédicos do mundo contemporâneo, que vêm reavivando certos modelos textuais de feição taxonômica, como o bestiário, o catálogo, as listas, o verbete e a prancha, e exercitando um diálogo criativo com as ciências naturais. E enciclopédico, aqui, não no sentido de um conjunto fechado e definitivo de saberes, mas como uma totalidade incompleta, conjectural, múltipla, como a descreveu Calvino (CALVINO, 1990, p. 131), um dos representantes mais vigorosos dessa linhagem.

A esse legado borgeano, os artistas e escritores latino-americanos mais atuais, como Wilson Bueno, Francisco de Toledo e todos os integrantes da lista oferecida por Flora Sussekind (1999), acrescentam um outro gesto desestabilizador. Não bastasse jogar com as taxonomias, mostrando os pontos onde estas transbordam

ou fracassam, ou subtrair dos bichos estranhos o traço de exotismo e deles criar metáforas de uma identidade cultural híbrida, em estado de deslocamento, tais escritores assumem, como marca de sua própria subjetividade, uma espécie de *razão animal*. Dessa razão extraem um saber que tem no corpo a sua expressão mais viva e um olhar que traz, ao mesmo tempo, todos os afetos e sentidos. Não por acaso, os pequenos “giromas” do jardim zoológico de Bueno (1999) têm dezenas de olhos, sendo que estes também servem para escutar, aspirar o ar e excretar a chuva que bebem, fertilizar-se; já os “rememorantes”, espécies de duendes da noite, são os monstros que, dotados de uma inenarrável memória, que “nada temem da natureza dos sonhos” (BUENO, 1999, p. 66), devolvendo-nos, em forma de fragmentos, lapsos, sobras, os sonhos que esquecemos e que lhe servem de alimento; os jaquapitãs, por sua vez, animais caninos de cor vermelha, possuem olhos de ouro raiados de sangue e é como se coubesse neles uma impossível paisagem” (BUENO, 1999, p. 69); e os “kwiuvés” se abraçam e se beijam, dedos e bocas, panças e seios, com a delicadeza de bichos entretidos tão só e exclusivamente – toda a existência – nos jogos e mimos de amar” ((BUENO, 1999, p. 260). O sujeito que os descreve está irremediavelmente contagiado por esse saber e assume tal contágio como uma espécie de *devir* para sua própria humanidade/animalidade. Sua relação com os animais que descreve é da ordem do pacto. Com eles, rastreia o território impuro da América Latina, as fronteiras, as zonas subterrâneas, os charcos, os grotões e os lugares impossíveis, reconfigurando, nos planos geográfico, cultural e textual, o espaço enciclopédico do continente.

Abstract

*This paper focuses on the 16th Century fantastic descriptions of animals from Brazil and Latin America, which were collected by Afonso d'Escragnolle Taunay in the books *Zoologia Fantástica do Brasil* and *Monstros e Monstrengos do Brasil*, articulating them to some contemporary bestiaries of Latin American writers and artists, such as Francisco de Toledo and Wilson Bueno. One of its aims is to discuss, through this articulation, the hybrid, “deformed”, and “monstruous” character of the so called Latin American identity, as well as to investigate the*

cultural implications of that kind of fantastical zoology in the construction of a fictional concept of Latin America.

Keywords: bestiary; cultural identity; Latin America.

Referências

- BORGES, Jorge Luis. Outras inquisiciones. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974. P. 706-709.
- _____; GUERRERO, Margarita. *Manual de zoología fantástica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BUENO, Wilson. *Jardim Zoológico*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da renascença*. Brasília: UNB, 1995.
- ECO, Umberto. *Kant e o ornitorrinco*. Tradução Ana Theresa Vieira. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução Salma Tannus. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- PLÍNIO, o Velho. *Natural history: a selection*. Translated by John Healy. London: Penguin, 1991.
- RITVO, Harriet. *The platypus and the mermaid: and other figments of classifying imagination*. Massachusetts: Harvard University Press, 1997.
- SANTIAGO, Silviano. A ameaça do lobisomem. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Florianópolis, p. 31-44, 1998.
- SUSSEKIND, Flora. Monstros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, nov. 1999. Caderno Idéias.
- TAUNAY, Afonso de Escagnolle. *Zoologia Fantástica do Brasil (secs XVI e XVII)*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- _____. *Monstros e monstregos do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.